

## 5.

### O diálogo entre idosos e crianças do projeto intergeracional do SESC

“-Eu lembro, minha filha. Essa menina aí sou eu”.  
- Não é possível. Você está brincando...  
Eu olhava para minha mãe e para o retrato da menina,  
achava meio gozado aquilo, minha mãe criança,  
brincando no galho de um camelo, pensando em balão d’água.  
E era meio esquisito, ela grande ali na minha frente,  
sentada no chão, explicando coisas, toda animada.  
(MACHADO, 2000, p. 8)

#### 5.1.

##### O Projeto “Era uma vez... atividades intergeracionais”

O Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” é uma ação sócio-educativa que tem como objetivo geral a realização de atividades em grupo com crianças, adolescentes e idosos, no intuito de fomentar a comunicação intergeracional através da utilização de livros de literatura infantil.

O livro é o eixo condutor da comunicação intergeracional e do processo de conscientização dos problemas da velhice e do envelhecimento.

O conceito que fundamenta a ação do projeto o define como um processo de estímulo à comunicação intergeracional, através do intercâmbio de vivências e experiências entre ambas as gerações. O eixo central desse conceito trabalha essencialmente a reflexão de temas existenciais e a discussão das imagens fixadas e pré-estabelecidas entre as gerações.

Através da realização de atividades pedagógicas, culturais e recreativas, ambas as gerações passam a refletir sobre a possibilidade de mudanças quanto à percepção da velhice e do envelhecimento.

O projeto também busca estimular a fluência verbal, o gosto pela leitura e a criatividade nas crianças, adolescentes e idosos.

Sua principal inovação centra-se na tentativa de estimular experiências entre as gerações fora do contexto familiar, rompendo o isolamento social do idoso e questionando a formação de guetos. Com esse projeto, o SESC preconiza o atendimento em uma área pouco explorada institucionalmente - o trabalho conjunto entre duas gerações - através de uma ação intencional, sistematizada e preventiva, que ensaja e reforça mudanças comportamentais e ideológicas na sociedade.

A metodologia é baseada na utilização de livro de literatura infantil, que busca favorecer o desenvolvimento de um processo de conscientização da velhice e do problema do envelhecimento, facilitando a compreensão e a interrelação das crianças e idosos. A interpretação dos textos resulta em atividades pedagógicas e culturais, ou seja, trabalhos escritos, trabalhos manuais, apresentações de teatro, dança, confecção de livros etc.

No que diz respeito à literatura infantil tradicional, ela sempre retratou o velho de maneira pejorativa, como uma pessoa feia, desenvolvendo um papel de bruxa, madrasta ou velha malvada. As famílias reproduzem esses mitos aos seus filhos, que crescem com esse estereótipo do velho. Torna-se assim fundamental a interpretação de histórias, em que o velho possui o papel de transmissor de conhecimento, de solidariedade, de sabedoria, ou seja, tratando-se da questão da velhice positivamente.

Para atingir o objetivo do Projeto intergeracional do SESC, os livros de literatura infantil escolhidos são brasileiros e abordam assuntos que expressam o cotidiano dos idosos e a convivência destes com as crianças. Também são trabalhados fatos da atualidade que servem de instrumentos para o desenvolvimento de temas, tais como: relacionamento interpessoal; relacionamento intergeracional - diferenças e semelhanças entre etapas da vida; a participação/papel da criança, do adolescente e do idoso, na família; o passado, o presente e o futuro - a infância, a velhice, o envelhecimento; solidão; namoro e sexualidade; cidadania; usos e costumes, crenças e credences; espiritualidade; brinquedos e brincadeiras antigas e atuais; músicas de hoje e de ontem; trabalho/aposentadoria; memória cultural; Ecologia - preservação da natureza, reciclagem; História e Geografia, e outros temas de interesse do grupo e/ou dos profissionais.

O Projeto é desenvolvido através de reuniões de grupo que ocorrem uma vez por semana, com duração de 2 horas, durante um período de 8 meses. Nas reuniões o grupo intergeracional realiza a leitura e discussão do livro infanto-juvenil que resulta em atividades psicopedagógicas: interpretação, trabalhos manuais, dança confecção de livros, trabalhos manuais etc, para a reflexão da temática do convívio intergeracional e da velhice.

Cada grupo do Projeto é desenvolvido com até 30 pessoas, sendo 10 idosos e 20 crianças, com idade entre 9 e 12 anos. Os idosos são oriundos do grupo de convivência do SESC e as crianças de escolas públicas, grupo de reforço escolar, escola do SESC e da comunidade.

A proposta do trabalho é de atuação interdisciplinar, sendo o coordenador, na maioria das vezes, assistente social, gerontólogo e profissional ligado ao Trabalho Social com Idosos – TSI, sendo o elemento de ligação entre os profissionais envolvidos no Projeto e o grupo intergeracional. Esse profissional tem dentre suas atribuições a responsabilidade de aglutinar e estimular a troca de informações sobre velhice/envelhecimento entre os participantes. Ainda na proposta de trabalho, tem-se como objetivo a articulação de todos os profissionais do Projeto, não só quanto ao planejamento e à execução das atividades, como também, no acompanhamento e avaliação do trabalho em suas diversas fases. A avaliação é feita com os participantes e com os profissionais que executam a atividade, através do preenchimento de formulários. Cabe ressaltar que a avaliação da atividade pelos técnicos é feita após cada reunião com o grupo e registrada em forma de relatório para posterior relatório final, elaborado ao término do projeto. Os demais profissionais são das diferentes áreas de atuação do SESC: literatura, biblioteca, esporte, pedagogia, saúde, cultura, lazer, entre outros.

O acompanhamento da evolução dos participantes tem a periodicidade semestral, através do preenchimento de questionário que aborda temas sobre o preconceito e a velhice. A avaliação da execução do projeto tem a periodicidade anual, através do preenchimento de formulário de avaliação pelos participantes e pelos técnicos.

## 5.2.

### Percurso metodológico e Perfil do grupo pesquisado

O estudo foi realizado junto aos integrantes do Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” desenvolvido no SESC, em dois Estados brasileiros, e teve o intuito de compreender a relação intergeracional e a percepção dos idosos e crianças sobre a velhice, bem como perceber o papel da literatura infantil no diálogo entre as gerações.

Utilizamos a metodologia de estudo de caso, que segundo Ludke e André (1986, p.18), possui características específicas, pois *“parte do pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente, visando à descoberta”*.

Ressaltamos ainda que:

Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. Ao desenvolver o estudo de caso o pesquisador recorre a uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, em situações variadas com uma variedade de tipos de informantes. Com essa variedade de informações, oriunda de fontes variadas, ele poderá cruzar informações, confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados, afastar suposições ou levantar hipóteses alternativas (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18).

O estudo de caso não parte de uma visão predeterminada da realidade, mas apreende os aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, utilizando diferentes fontes de informação.

Sendo assim, os instrumentos utilizados no estudo de caso foram:

- Questionários feitos com crianças e idosos de dois grupos em estados diferentes (anexo1).
- Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC no período de março a dezembro de 2006.
- Anuário estatístico do SESC, 2006.

O universo da pesquisa ficou restrito a:

- Idosos e crianças de dois grupos, Estado do Centro-oeste e do Nordeste<sup>16</sup>, totalizando 10 idosos e 20 crianças.

Para a interpretação de dados, utilizamos o método hermenêutico. Minayo observa que:

A hermenêutica se especializa em perscrutar o sentido oculto dos textos, na certeza de que no contexto há por vezes mais do que no texto. Esgueira-se nas entrelinhas, porque nas linhas está, por vezes, precisamente o que não se entende apenas na sua forma, no seu formato, na sua gramática, mas no conteúdo que quer dizer (MINAYO, 1992, p. 247).

Conforme descreve a autora, interpretamos o conteúdo da relação humana intergeracional em toda a sua complexidade. Nesse sentido, utilizamos uma postura compreensiva e desmistificadora dos símbolos presentes no discurso, seja escrito ou falado.

Também se recorreu a Arendt (2001) para interpretar o discurso, pois para a autora, a “*ação e o discurso na esfera pública só são possíveis através de um diálogo plural e democrático*”. Ainda segundo seu pensamento, “*a ação e o discurso são os meios utilizados por cada um para manifestar suas idéias, discutir e deliberar as decisões importantes para a coletividade*”.

De fato, na análise dos dados consideramos o contexto de cada envolvido para não recorrermos ao erro de anular as vivências presentes no discurso de cada um.

Antes de apresentar os resultados caracterizamos os grupos do Projeto que constituíram o caso estudado.

Estudamos dois grupos, um desenvolvido num Estado da Região Centro-oeste e o outro numa região do Nordeste brasileiro. Preferimos não identificar os grupos para preservar o sigilo dos sujeitos da pesquisa.

---

<sup>16</sup> Em 2006 o Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” foi desenvolvido nos Estados do Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Pernambuco, Rondônia, Santa Catarina e Tocantins. Considerando que não foi implantado no Rio de Janeiro, escolhemos os Estados do da Região Centro-oeste e Nordeste, porque realizamos ações *in loco* junto a esses grupos.

Assim, apresentamos:

a) Grupo do Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” de um Estado da Região Centro-oeste do Brasil.

O SESC nesse Estado possui 5 (cinco) Unidades Operacionais e o Projeto foi implantado em 2006, em uma das Unidades da Capital.

A primeira etapa de implantação do Projeto consiste na divulgação que inicialmente ocorreu dentro dos grupos do SESC (idosos e crianças) e depois nas escolas da comunidade. Participam do Projeto 13 crianças na faixa etária de 8 a 11 anos e 8 idosos na faixa etária entre 60 e 81 anos.

A equipe técnica que participou das atividades do projeto compreende as seguintes áreas:

Grupos: Assistente Social que coordenou o Projeto.

Biblioteca: apresentou o livro, a importância da leitura e do cuidado com a conservação.

Recreação: desenvolveu oficina de corporeidade, dinâmicas, gincana e jogos de integração, com objetivo de relacionar o passado com o futuro, em uma visão intergeracional.

Desenvolvimento artístico e cultural: desenvolveu oficinas de criatividade referentes a cada capítulo, como por exemplo, montagem de mural com fotos antigas e atuais, caixinha de memória, oficina de macramé etc.

Apresentações artísticas: que se responsabilizou pela produção cultural, momento da culminância do projeto, onde a família participa do resultado. A programação foi definida com o grupo.

Cursos: que apoiou no desenvolvimento de oficinas de culinária, onde foram trabalhadas receitas do tempo da vovó.

Turismo social: apoiou no contato, na escolha dos locais e transporte para as visitas do grupo de acordo com a temática abordada no livro: fábrica de biscoitos e museu.

A primeira ação teve início em abril de 2006, com uma reunião de apresentação da proposta do projeto e da equipe técnica para as crianças, idosos e familiares.

O livro escolhido pela equipe técnica foi o *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado:

É uma história imensamente bela, comovente, onde uma menina no convívio imaginário com sua bisavó (Bisa Bia) e da sua bisneta (que a chama de Bisa Bel) aprende a conviver consigo mesma, a se relacionar com outras pessoas e descobre um mundo onde a fantasia e a realidade se mistura, trazendo encantos, desencontros, travessuras, medo e muito amor (MACHADO, 1990).

Para o desenvolvimento do gosto pela leitura, foram utilizadas estratégias contando com o envolvimento dos idosos e estimulando a participação das crianças através de dinâmicas e dramatizações. A família também contribuiu realizando a leitura do capítulo junto com as crianças em casa.

Assistimos à produção cultural que ocorreu em novembro, no teatro do SESC, onde o grupo apresentou para a família e convidados uma dramatização sobre o Estatuto do Idoso e o da Criança e Adolescente; exposição e dramatização do Baú da Vovó, com objetos que referenciasse memórias/ lembranças dos idosos e das crianças. Também apresentaram um vídeo com as fotos dos integrantes do grupo, que foram feitas utilizando a técnica de sépia (do livro), preto e branco, colorida e em alto relevo. Finalmente, ocorreu a apresentação e dramatização da música *Imagine*, de Toquinho, que dá ênfase ao tema da Paz.

Ao término do evento, realizou-se uma confraternização e vários familiares deram seu depoimento sobre a experiência positiva no grupo. Pode-se ressaltar o de um casal em que seu filho faz tratamento com fonoaudiólogo devido à gagueira, e ao ver seu filho atuando, ficou emocionado, visto que o mesmo representou e falou perfeitamente.

- Coleta de dados

O momento da coleta de dados com o grupo do Projeto “Era Uma Vez...” do questionário ocorreu em setembro de 2006.

A programação desse dia contava com a leitura do sexto capítulo: “Meninas que assobiam” do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. A leitura foi feita por três idosas e duas crianças do grupo com a utilização de retroprojektor e da leitura dramatizada.

O segundo momento ocorreu com a presença de uma Psicóloga voluntária que abordou o tema da Sexualidade, presente nesse capítulo do livro.

A psicóloga iniciou com uma dinâmica de grupo e posteriormente debateu sobre a temática utilizando o retroprojektor. A discussão foi muito rica e teve a participação intensa do grupo de crianças e idosos, considerando que a fala da psicóloga trouxe informações sobre gravidez na adolescência e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Ao término da atividade sobre sexualidade, conversamos e separamos o grupo em trios (duas crianças e um idoso), solicitando que eles preenchessem o questionário e, quando preciso, tiramos as dúvidas.

b) Grupo do Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” de um Estado do Nordeste do Brasil.

Esse Estado possui 13 Unidades Operacionais e o Projeto foi implantado no ano de 1995 na capital e nessa cidade do interior em 2000.

A divulgação ocorreu nas turmas do Projeto Habilidade de Estudo e no Grupo da Terceira Idade, ambos do SESC.

Participam do Projeto 20 crianças na faixa etária de 8 a 12 anos e 6 idosos na faixa etária entre 60 e 80 anos.

Participaram das atividades do projeto técnicos das seguintes áreas:

Grupos: Pedagoga que coordenou o Projeto.

Biblioteca: apresentou o livro e a importância da leitura.

Música: professora de música.



Nas primeiras reuniões foram utilizadas técnicas de grupo para um melhor entrosamento dos participantes e o livro escolhido foi “Guilherme Augusto de Araújo Fernandes”, que retrata a amizade de um menino com uma idosa que vive em um asilo e têm problema de memória. As sessões eram realizadas sempre com dois profissionais, um como observador e o outro desenvolvendo a atividade, conforme sugere o Projeto.

No decorrer dos encontros, o relacionamento interpessoal foi se consolidando, possibilitando a troca de experiências entre as gerações. O grupo debateu sobre questões do envelhecimento e da velhice, resgatando as origens que para os idosos muitas vezes é esquecida e desvalorizada diante da própria família, aumentando sua auto-estima e confiança.

As mudanças de comportamento ocorreram durante as sessões, observada pelas reações das crianças e dos idosos que criaram um vínculo afetivo, quebrando o paradigma da criança e do idoso que convivem na mesma residência, mas não interagem.

Os participantes apresentaram como resultado de produção cultural uma exposição de resgate da memória, em que foram expostos alguns objetos antigos que tinham um vínculo afetivo com os participantes do grupo, idosos e crianças. O grupo também apresentou, com a professora de música, algumas músicas populares.

- Coleta de dados

Em abril de 2006 ocorreu a reunião para aplicar o questionário no grupo, em que contamos com o apoio dos técnicos da Biblioteca e da Educação.

Havia poucos integrantes do Projeto nesse dia porque o grupo de idosos estava viajando com a coordenadora da atividade, restando apenas duas idosas.

As crianças que participaram do Projeto são da periferia e muitas não compareceram porque não era dia de reunião, como era fim de semana, dependiam da disponibilidade dos pais para ir ao SESC. Dessa maneira, participaram da pesquisa sete crianças.

Antes de iniciarmos a pesquisa, o grupo realizou uma apresentação musical e um esquete sobre alimentação. Em seguida, dividimos o grupo em dois, distribuindo as idosas em grupos diferentes. Explicamos as questões e acompanhamos o preenchimento, tirando as dúvidas individualmente.

► Perfil dos idosos e das crianças

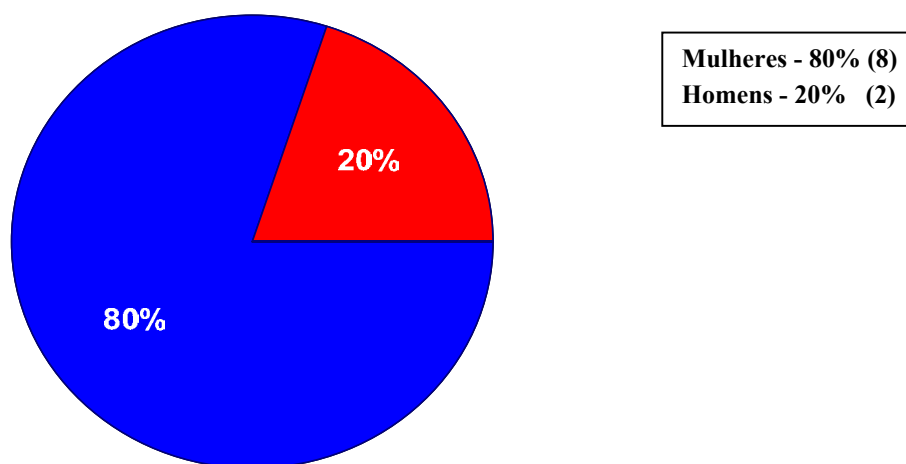
O perfil foi caracterizado de forma global, porque não foram apontadas diferenças significativas no perfil da clientela das regiões pesquisadas. Por isso dividimos a exposição que segue em a) Perfil dos idosos e b) perfil das crianças. Os dados foram levantados junto à documentação oficial do SESC, o relatório do Projeto referente ao ano 2006, nos dois Estados pesquisados.

a) Perfil dos idosos:

Participaram da pesquisa 10 idosos de dois grupos de Estados da região Centro-oeste e Nordeste. Os dados levantados foram organizados em forma de gráficos para possibilitar uma visibilidade maior às informações. Assim temos:

- Quanto ao sexo

Gráfico 1: Sexo dos idosos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

O percentual relativo ao sexo demonstra que as mulheres representam 80 % do total da população, retratando que o envelhecimento é uma questão de gênero e que os homens idosos participam menos de atividades em grupo que as mulheres. Confirmando a realidade da sociedade quanto à participação restrita dos homens nas atividades voltadas para esse público.

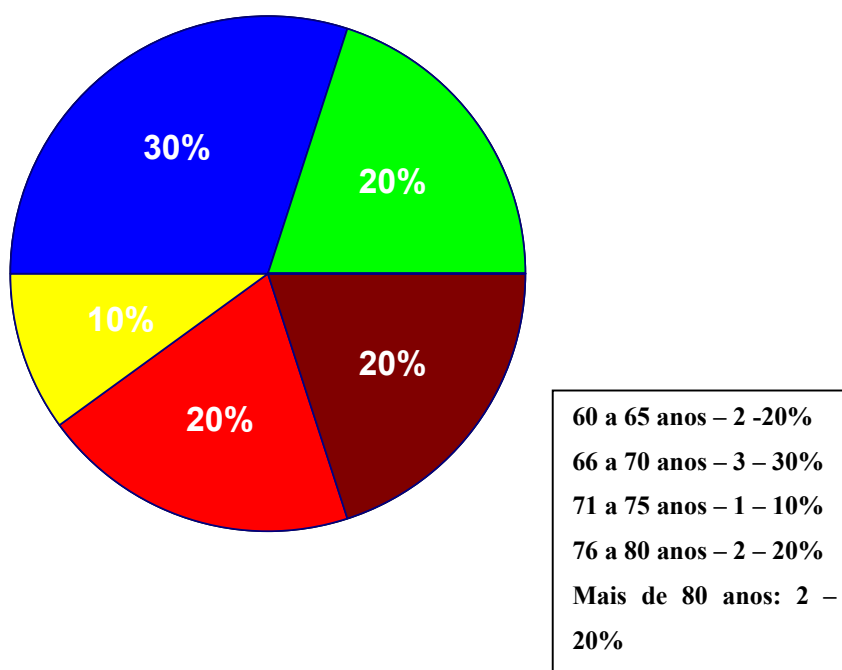
Conforme aponta Camarano e outros (2005, p. 14):

O envelhecimento é também uma questão de gênero. Em consequência da sobremortalidade masculina, as mulheres predominam entre os idosos. Em 2000, a população idosa brasileira representava 55%. Quanto mais velho o contingente idoso mais elevado é a proporção de mulheres. Por exemplo, para o grupo com 80 anos e mais, o percentual comparável eleva-se para 60%.

Pode-se dizer também que essa reduzida participação dos idosos do sexo masculino não se deve apenas ao fato da expectativa de vida da mulher ser maior que a do homem, essa realidade abrange, principalmente, as questões culturais bastante enraizadas pela sociedade: o homem sempre foi visto como aquele que sustenta, chefia e comanda a família. Portanto, percebe-se que para alguns idosos as atividades que estimulam o convívio, a participação democrática, o contato no mesmo nível entre os participantes, são “atividades femininas” e podem torná-los menos importantes na hierarquia social.

- Quanto à idade:

Gráfico 2: Faixa etária dos idosos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. No Brasil, o aumento da população acima de 60 anos é significativo nas últimas décadas, atualmente é o grupo que apresenta as taxas mais elevadas de crescimento.

Conforme ressaltam Camarano e outros (2005, p. 9), “[...] a proporção da população mais idosa, ou seja, há de 80 anos ou mais, também está aumentando, alterando a composição etária dentro do próprio grupo, ou seja, a população considerada idosa também está envelhecendo”.

Isso tem levado a equipe do SESC que trabalha com a pessoa idosa, até então autônoma e independente, a realizar estudos e adaptar as atividades para atender a

esse grupo etário que na grande maioria das vezes, possui limitações no desempenho das atividades diárias, resultando na perda da autonomia.

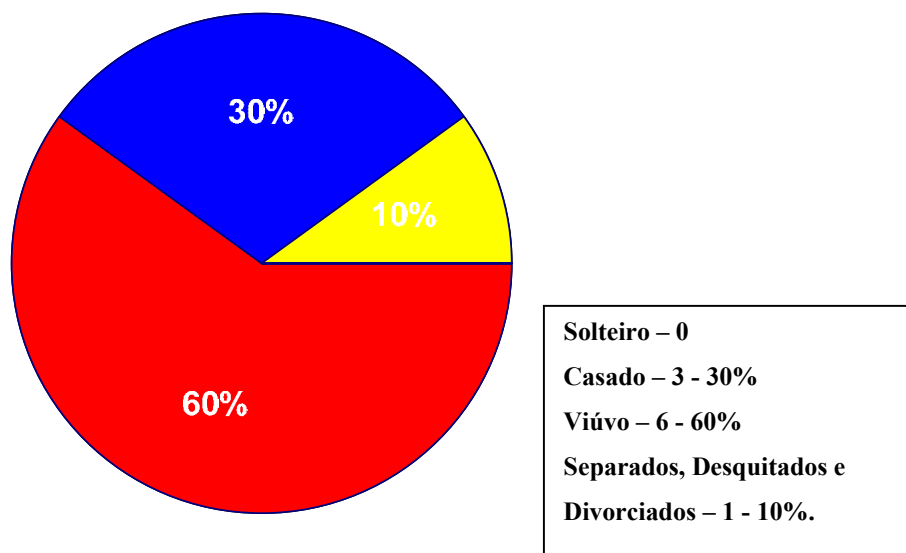
Percebe-se, ainda hoje, na clientela atendida pela atividade Trabalho Social com Idosos – TSI do SESC, a predominância da faixa etária da chamada terceira idade. No entanto, atualmente tem sido crescente o número de pessoas idosas na chamada quarta idade - a partir dos 75 anos - e percebemos a necessidade de aprimoramento da equipe para o atendimento a essa clientela, na etapa da velhice fragilizada.

De acordo com Camarano (2004), a população dos mais idosos, de 80 anos ou mais, está aumentando e em 2000 representou 12,6% do crescimento total da população idosa brasileira. A questão da fragilidade na velhice não é específica desse subsegmento, mas os idosos com mais de 80 anos, apresentam fragilidades com maior frequência.

Segundo os dados do IBGE 2006, em 2050 o número de idosos em velhice avançada (igual ou maior que 80 anos) superará o de crianças com menos de quatro anos, apontando o expressivo aumento dessa população nos próximos anos. A proposta intergeracional encontra-se como uma alternativa de atividade para essa população mais envelhecida, que está ativa, mas possui maiores fragilidades. A leitura e o debate dos temas referentes à velhice, em consonância com a história infantil, proporcionam uma maior participação e inclusão do idoso, bem como estimula a memória dos participantes.

- Quanto ao estado civil:

Gráfico 3: Estado civil dos idosos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

Observa-se que o percentual de viúvas é significativo, confirmando os estudos que apontam sobre a feminilização da velhice e a predominância de idosas viúvas, conforme descrito nos indicadores da população idosa brasileira, feito pelo IPEA (2005, p. 14): “*Entre as mulheres predominavam, ligeiramente, as viúvas. Viuvez era o estado conjugal de 41% das mulheres idosas. Em seguida colocam-se as casadas, em proporção bastante semelhantes a de viúvas*”.

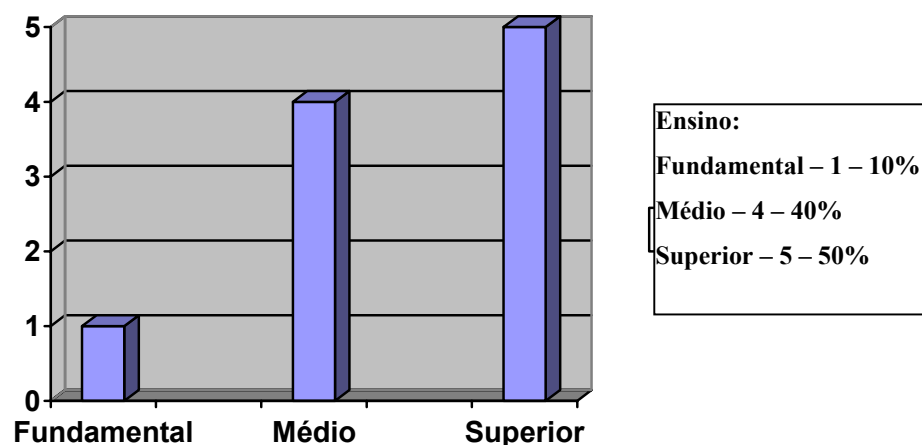
A proporção de separados, desquitados e divorciados vem aumentando consideravelmente nas variadas camadas sociais, segundo os dados do IBGE (2000). A dissolução dos casamentos está fazendo parte do cotidiano das famílias, o que implica uma necessidade de reformulação de regras de funcionamento e de novos papéis de cada membro da família, inclusive dos avós. Os estudos (OLIVEIRA, P., 2005; CAMARANO et al., 2005; FRANÇA; SOARES, 1995) apontam que na

maioria das vezes os avós assumem um papel mais atuante, cuja relação com os netos é positiva para ambos.

No Brasil havia uma carência de estudos sobre avós, mas o interesse se deu a partir da década de 80, devido à maior expectativa de vida, levando as pessoas a vivenciarem mais seu papel de avós e bisavós; ao incremento de outras organizações familiares (famílias monoparentais, divorciadas, recasadas); a participação da mulher no mercado de trabalho; a gravidez na adolescência; o uso de drogas ou a morte dos pais. (Barros, 1987; Oliveira, 1993; Fraiman, 1996; Camarano et al., 2005). No entanto, quando se trata de estudos sobre idosos e crianças sem vínculos familiares que participam de atividades intergeracionais, a escassez é maior.

- Quanto à escolaridade

Gráfico 4: Escolaridade dos idosos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

Os dados acima demonstram que os idosos integrantes do Projeto são pessoas que possuem maior escolaridade do que a grande maioria dos idosos do grupo de convivência do SESC e os da sociedade brasileira.

O estudo dos indicadores de condições de vida e acompanhamento de Políticas feito pelo IPEA ressalta que:

Em 1983, quase a metade da população idosa era analfabeta. Em 2003, a proporção dos que não sabiam ler nem escrever caiu aproximadamente 1/3. No entanto, esta proporção era bastante diferenciada por idade; era mais baixa entre os idosos mais jovens, refletindo os ganhos de escolaridade observados no passado recente (IPEA, 2005, p. 17).

Percebe-se que a população mais jovem de idosos tem mais anos de escolaridade que os mais velhos, fato esse justificado pelos fatores históricos sociais distintos que viveram esses idosos. Nas décadas de 30 a 50, o ensino fundamental era restrito a segmentos sociais específicos, sendo esse índice o reflexo do acesso



desigual à escolaridade. Os índices de alfabetização são diferentes também segundo o sexo: os homens naquele período tinham mais acesso à escola do que as mulheres, que eram educadas para casar e ter filhos. A população de 60 anos de hoje, nasceram na década de 50, referem-se às mulheres que tiveram acesso a escolaridade e ao mercado de trabalho.

O quadro abaixo relativo à população idosa alfabetizada (IBGE, 2000) aponta uma melhora na escolaridade dos idosos mais novos, no entanto a situação de analfabetismo ainda é desfavorável, afetando a sua condição de vida e a de seus familiares.

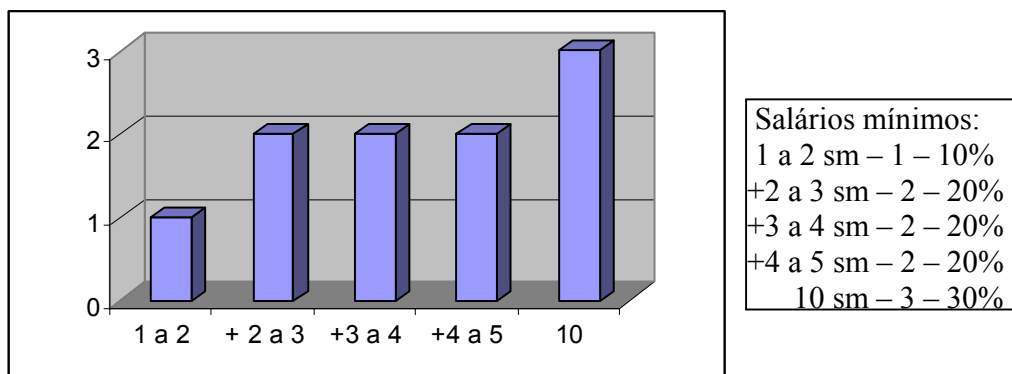
Quadro 1: População total e alfabetizada de idosos residentes, por grupos de idade – Brasil

<b>Grupos de Idade</b>	<b>Total</b>	<b>Alfabetizada</b>
60 a 64 anos	4.600.929	3.259.833
65 a 69 anos	3.581.106	2.396.782
70 a 74 anos	2.742.302	1.755.984
75 a 79 anos	1.779.587	1.052.365
80 anos ou mais	1.832.105	956.989
<b>Total</b>	<b>14.536.029</b>	<b>9.421.953</b>

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000.

- Quanto à renda

Gráfico 5: Renda dos idosos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

O gráfico demonstra que os idosos possuem renda na faixa de 1 a 5 salários mínimos, que corrobora com o perfil dos idosos do grupo de convivência do SESC e da população idosa brasileira.

Foi motivo de estranheza o grande número de idosos do Projeto que possui renda de 10 salários mínimos. A explicação dada pelos técnicos da área é que a proposta do Projeto em utilizar a leitura para aproximar as gerações tem atraído o idoso com nível superior que muitas vezes tem a formação de professor aposentado.

No Censo de 2000 (IBGE, 2000) observou-se que a proporção de pessoas de 60 ou mais, responsáveis por domicílio, era de 65% entre os que ganham até um salário mínimo, e de 4,3% entre os que ganhavam mais de cinco salários mínimos. Ressaltamos que a análise do IBGE referente ao rendimento dos idosos mostrou a evolução entre os censos de 1991 e 2000, fato que pode ser explicado pela universalização dos benefícios da seguridade social ocorrida na década passada.

Segundo a linha de pobreza do IPEA, no ano 2003 havia 19,2% de homens idosos pobres e 17,4% de mulheres. As famílias com renda de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo configuram 14,99% entre idosos, afirmando a importância do Benefício de Prestação

Continuada – BPC<sup>17</sup> para as famílias, pois muitos desses idosos contribuem para o sustento familiar através dos benefícios da aposentadoria, ou mesmo apóiam os filhos que estão desempregados, ou em situação financeira desfavorável.

Entende-se que a política de seguridade social resulta em uma revalorização das pessoas idosas de baixa renda no espaço familiar, as quais, com o benefício social contribuem na subsistência familiar, invertendo em muitos casos o papel familiar de assistidos para participantes na renda familiar. No entanto, esses aposentados que retornam ao mercado de trabalho porque necessitam complementar a renda familiar, muitas vezes sofrem maus tratos e violência pelos membros da família por causa desse apoio financeiro.

Conforme aponta Faleiros (2007), *“a violência contra os idosos está disseminada na sociedade, mas de modo diferenciado, por região, instituições, família, organização. A violência é um processo social relacional complexo e diverso”*.

De acordo com os dados da pesquisa sobre violência (FALEIROS, 2007), realizada nos vinte e sete estados do Brasil, *“os registros de violência financeira variam, havendo incidência de mais de 25% em Recife, Cuiabá, Belém, Porto Velho e Goiânia situam-se na faixa de 20 a 30%”*.

A violência financeira contra idosos no interior das famílias tem sido cada vez mais comum. As famílias privam os idosos da liberdade de escolha em administrar sua aposentadoria, tornando-os dependentes, obrigando-os a contribuir para o sustento de diversas gerações, obrigando-os a sair de seu espaço, casa, quarto e a mudar para um quatinho nos fundos e, por fim, submetê-los ao isolamento e muitas vezes, a maus tratos físicos.

Segundo Arendt (1989, p. 3) *“usar a força e a violência eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típico da vida fora da polis (esfera pública), características do lar e da vida em família (esfera privada), na qual o chefe da casa era incontestemente despótico”*.

---

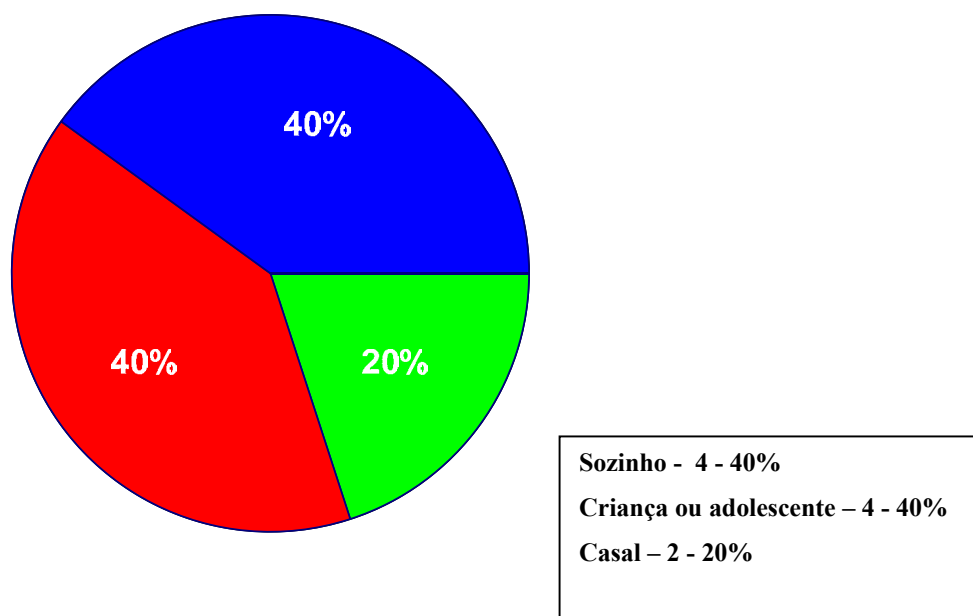
<sup>17</sup> O BPC é garantido pela Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS, para as pessoas com 65 ou mais anos de idade ou pessoas portadoras de deficiência, que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou tê-la provida por sua família, com renda familiar per capita inferior a 1/4 do salário mínimo.

Sabe-se ainda, que as relações de trabalho e as relações da *vita activa* (ARENDETT, 1994), muitas vezes violam os direitos de cidadania e expressam-se como forma de exercício de poder; se configurando como violência contra a pessoa idosa, ao determinar o envelhecimento pela improdutividade e pela precariedade do cidadão, tornando-o descartável.

O Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, documento produzido na II Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento em Madrid (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003) ressalta que “*o abandono, os maus tratos e a violência contra idosos podem adotar muitas formas – físicas, psicológicas, emocionais, financeiras – e se produzem em todas as esferas sociais, econômicas, étnicas e geográficas*”.

- Quanto às condições de moradia

Gráfico 6: Condições de moradia dos idosos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

Percebe-se que 40% dos idosos entrevistados vivem só, outros 40% vivem com crianças ou adolescentes, sendo esses netos ou bisnetos e 20% vivem os casais. Dos 40% que vivem sós, a metade não tem contato com crianças e adolescentes da família por serem solteiros ou terem seus familiares vivendo distante. Os 20% que vivem apenas o casal possuem contato com netos e bisnetos com frequência.

Conforme aponta os estudos do IPEA (2005, p. 15): “*O envelhecimento populacional acarreta mudanças também nos arranjos familiares. Uma dessas mudanças é a maior proporção de famílias com pelo menos um idoso, possibilitando maior convivência intergeracional*”.

Esse maior convívio intergeracional é percebido nos resultados da pesquisa, onde 40% dos idosos vivem com outras pessoas em sua casa, ou seja, com outras gerações. Esse percentual refere-se à convivência com crianças e/ou adolescentes, sendo esses netos ou bisnetos. Aqueles que vivem apenas o casal, todos se referiram a uma aproximação freqüente com netos e/ou bisnetos. Destacamos que a família exerce um papel fundamental no bem-estar dos idosos e no seu apoio psicológico e social.

Camarano afirma ainda que:

A proporção de domicílios chefiados por idosos também vem aumentando, bem como a de idosos vivendo só. Ambos os fenômenos tem sido mais acentuado entre as mulheres, o que pode ser explicado pela viuvez, separações e divórcios. Dentro dos arranjos familiares com a presença de idosos, observa-se uma predominância de casais com filhos, que em 2003 foi responsável por 32,8% destes arranjos, seguida de casais sem filhos com 21,5% (CAMARANO et al., 2005, p. 16).

O estudo realizado pelo Centro Latinoamericano Y Caribeño de Demografia (CELADE) – Divisão de População da CEPAL, referente aos Indicadores de qualidade de Vida na Velhice (CENTRO LATINO AMERICANO Y CARIBEÑO DE DEMOGRAFIA, 2006), realizado no período de dez anos – 1990 a 2000, em 10 países da América Latina, dentre eles o Brasil, confirma os dados do IPEA, onde os idosos continuam exercendo o papel de chefe de família por fatores culturais e materiais. Essa porcentagem oscila entre 15 e 30% dos idosos que vivem com outras

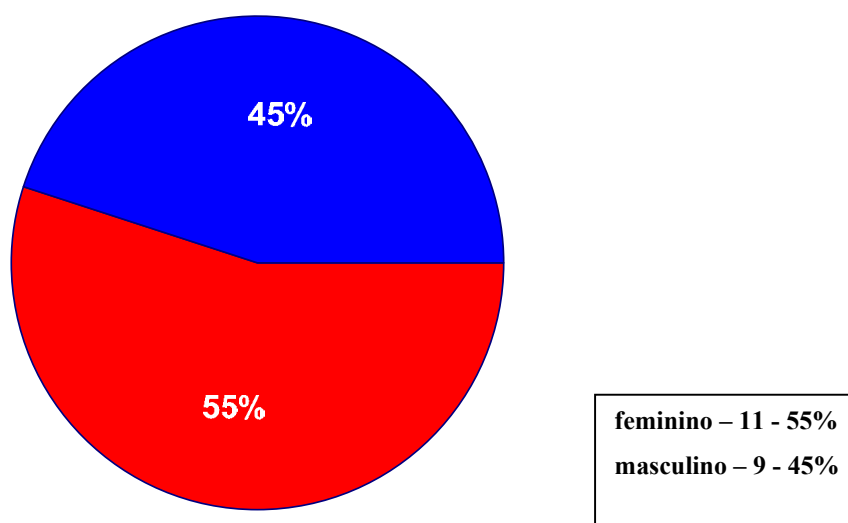
faixas etárias, sendo a porcentagem maior, nos países em que o envelhecimento da população está mais avançado.

b) Perfil das crianças:

Participaram da pesquisa 20 crianças de dois grupos de Estados da região Centro-oeste e Nordeste. Seguimos o mesmo esquema de apresentação dos dados do perfil dos idosos, ou seja, ordenamos a exposição através de gráficos.

- Quanto ao sexo

Gráfico 7: Sexo das crianças



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

Dentre as crianças, 55% mulheres e 45 % homens, todas eram oriundas de escolas da comunidade.

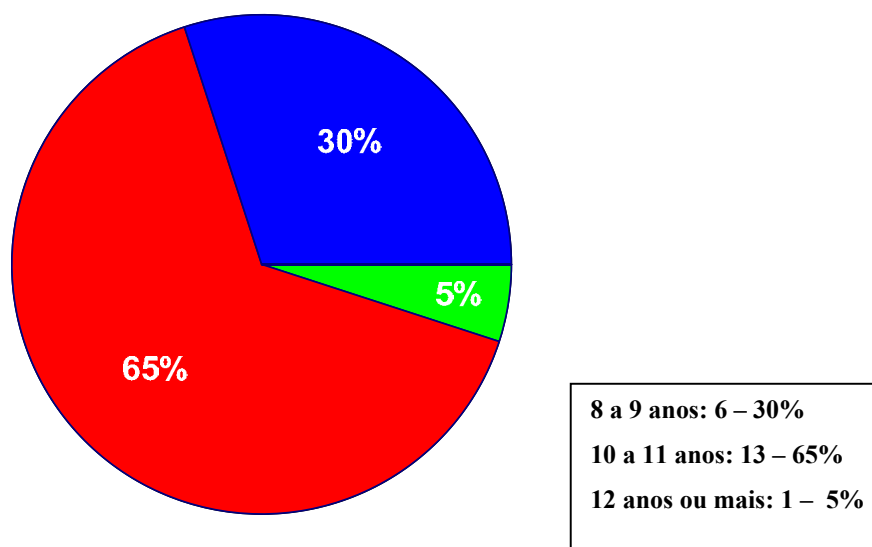
Destacamos a seguir, dados sobre a população de crianças no mundo e no Brasil.

De acordo com o relatório da Divisão de População da Organização das Nações Unidas (2005), o número de crianças entre 0 e 14 anos no mundo é de 1,82 bilhões, o que representa 28% da população mundial.

No Brasil esse percentual é o mesmo e, segundo o IBGE (2000), há 50 milhões de crianças de 0 a 14 anos. Com o aumento da expectativa de vida de uma criança ao nascer, que passou de 62,6 anos em 1980 para 71,3 anos em 2003, o Brasil está seguindo a tendência mundial de envelhecimento populacional e o IBGE estima que a população brasileira entre 0 e 14 anos representará cerca de 24,3% do total em 2020. Já a ONU prevê que a população mundial de crianças reduzirá em 2050 para 20% do total, diminuindo mais expressivamente nos países desenvolvidos.

- Quanto à idade

Gráfico 8: Faixa etária das crianças



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

Dentre as crianças pesquisadas predominou a faixa etária de 10 a 11 anos, referente a 65 %, com idade de 8 a 9 anos foram 30 % e apenas uma criança tinha a idade de 12 anos completados durante a realização do Projeto. A equipe técnica que estava implantando o Projeto sentiu dificuldade inicialmente na condução das atividades e no interesse do grupo pelas mesmas, uma vez que o grupo era composto por crianças e pré-adolescentes. No entanto, com o decorrer do projeto, através da reflexão sobre o assunto que foi trabalhado em cada capítulo do livro ocorreu maior envolvimento e participação das crianças e dos adolescentes com os idosos, e conseguiu-se desenvolver a criatividade e a autonomia de cada um, levando o grupo a refletir de forma positiva sobre o convívio grupal e o processo do envelhecimento humano.

Ressalta-se que a dificuldade em trabalhar com diferentes faixas etárias não foi percebida com a outra equipe que desenvolve o Projeto desde o ano de 1995, visto que já desenvolveram diversos grupos, com crianças da educação infantil, com adolescentes, com crianças de escola do SESC e de escola da comunidade. Atualmente essa equipe procura trabalhar por séries, não ocorrendo muitas diferenças entre as idades das crianças envolvidas no projeto.

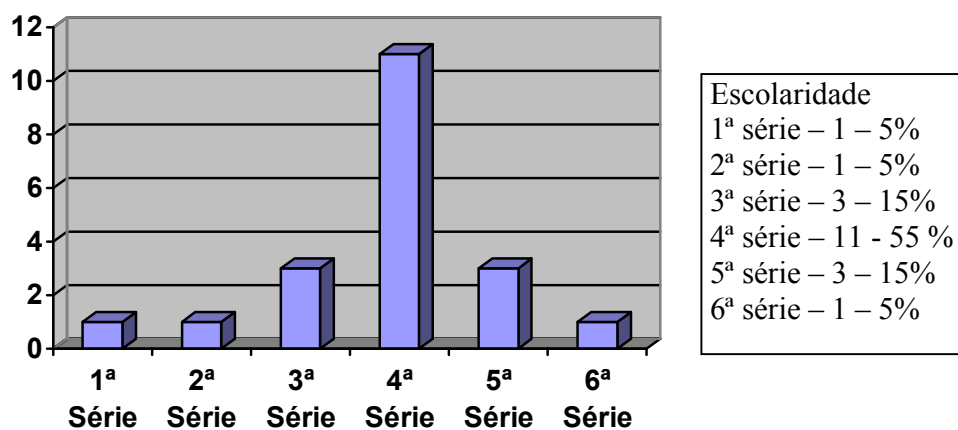
Diante disso, percebe-se que o projeto possibilita a interação de faixas etárias distintas, viabilizando a troca de experiências e vivências entre crianças, adolescentes e idosos no decorrer das atividades desenvolvidas a partir da leitura do livro.

Esse convívio intergeracional se configura como uma “ponte de mão dupla”, um agir (ARENDDT, 1989, p. 189): *“A ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens”*. A ação e o discurso se manifestam através da troca de conhecimentos, uma vez que a cada encontro os participantes têm a possibilidade de aprender coisas novas e, também, de ensinar o que sabem.



- Quanto à escolaridade

Gráfico 9: Escolaridade das crianças



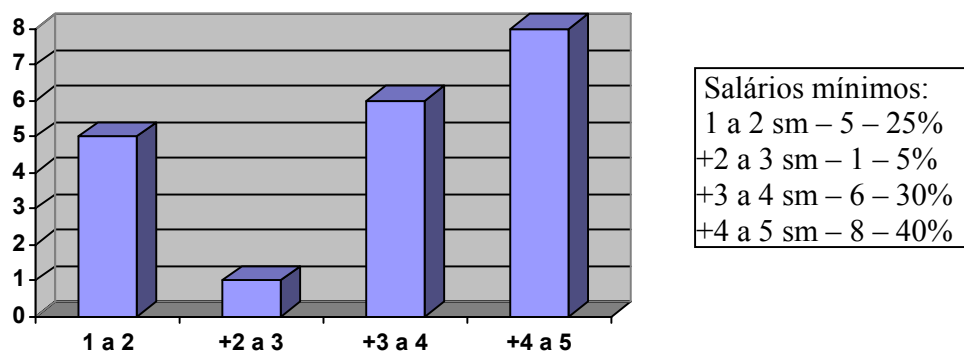
Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC no período de março a dezembro de 2006.

A escolaridade está de acordo com a clientela alvo do projeto, constituída por crianças, que de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, são pessoas com até doze anos de idade incompletos. Outro requisito para participação é ser alfabetizado, e nesse sentido as escolaridades apresentadas estão de acordo com a proposta do Projeto.

Segundo dados do IBGE (2000) a defasagem entre idade e série escolar cresce com a idade e a média de anos de estudo. As taxas de escolarização na faixa etária de 7 a 14 anos apresentam um crescimento nas últimas décadas, e a taxa de analfabetismo está em queda, ambas demonstram o cumprimento da política de universalização do ensino no Brasil. No entanto, os estudantes de famílias pobres dificilmente têm acesso ao ensino superior.

- Quanto à renda familiar

Gráfico 10: Renda familiar das crianças em salários mínimos



Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

A predominância da renda familiar na faixa de 1 a 5 salários mínimos corrobora com o perfil da população brasileira e da população comerciária do SESC.

O Brasil, de acordo com dados do IPEA<sup>18</sup> (2005), tem uma das mais altas taxas de concentração de renda no mundo, ocupando o 2º lugar, atrás apenas de Serra Leoa na África, fato responsável por uma grande desigualdade social. É ainda uma sociedade populacionalmente jovem, porém com uma expressiva população de velhos que está em franca progressão. É o país mais industrializado da América Latina, figurando entre as 15 primeiras economias do mundo ocidental. Além disso, é um grande produtor agrícola e possui uma das maiores reservas minerais do mundo. No entanto, esse Brasil rico convive com uma população empobrecida, sem emprego e em condições precárias de saúde.

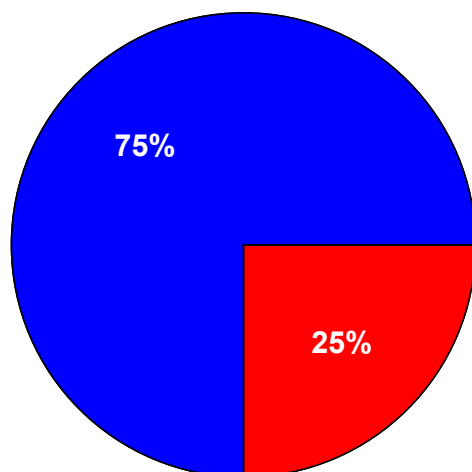
<sup>18</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA

- Quanto à presença de avô (ó)

Responderam positivamente a essa pergunta 19 crianças, representando 95% dos pesquisados e apenas uma criança tem avós falecidos o que nos leva a refletir que esse fator de convivência de gerações de netos e bisnetos com seus avós, têm sido mais freqüentes devido ao envelhecimento populacional brasileiro. Percebe-se que a maioria tem avós e muitas bisavós, essa predominância de avós e bisavós confirma os dados epidemiológicos do envelhecimento populacional brasileiro. Os idosos que participaram do Projeto ressaltaram que a relação vivenciada no grupo é de bisavós com crianças, considerando que muitos idosos têm bisnetos na faixa etária das crianças do grupo.

- Quanto a residir com o idoso

Gráfico 11: Quanto a residir com o idoso



**Residem com idosos no mesmo domicílio: 5 – 25%**  
**Não vivem com idosos no mesmo domicílio: 15 – 75%**

Fonte: Dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC, no período de março a dezembro de 2006.

Esses dados demonstram que a grande maioria das crianças não reside com seus avós, no entanto quando se pergunta se elas têm contato freqüente com seus avós, apenas uma criança responde que não tem contato porque já faleceram. A maioria das crianças possui contato com seus avós com freqüência, o que revela o aumento do convívio intergeracional nas famílias brasileiras e a importância de se desenvolver projetos intergeracionais com objetivo de sensibilizar as diferentes gerações para as questões relativas ao envelhecimento, minimizando os conflitos entre elas.

Destaca-se que a relação intergeracional tem papel fundamental no que diz respeito ao convívio de crianças que, diariamente, não podem ou não tem a oportunidade de conviver com pessoas da terceira idade, favorecendo a troca e a percepção da velhice, do mesmo modo, o estímulo a relação intergeracional é considerada importante para os participantes da terceira idade que não têm contato com crianças ou que possuem uma relação fragilizada.

### **5.3. O diálogo entre idosos e crianças do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” do SESC**

“-Eu lembro, minha filha. Essa menina aí sou eu.  
- Não é possível. Você está brincando...  
Eu olhava para minha mãe e para o retrato da menina,  
achava meio gozado aquilo, minha mãe criança,  
brincando no galho de um camelo, pensando em balão d’água.  
E era meio esquisito, ela grande ali na minha frente,  
sentada no chão, explicando coisas, toda animada.  
(MACHADO, 2000, p. 8)

Este tema trata-se da análise dos dados da pesquisa, obedecendo à seqüência do questionário, em anexo, feito com as crianças e com os idosos. Destacamos que as questões foram iguais para podermos fazer um paralelo da visão das crianças e dos idosos.

Na análise foram consideradas apenas as respostas com maior frequência. Vale salientar que, devido à possibilidade de responder várias alternativas para cada questão, o total de frequência pode ultrapassar o total de pessoas da pesquisa.

Quando perguntados sobre o que é ser criança, os itens que prevaleceram para as crianças foram iguais aos dos idosos, possuindo apenas ordem diferente: brincar, fazer amigos e logo em seguida referem-se a ser alegre e feliz. Já os idosos referem-se primeiro a ser alegre e feliz, depois a fazer amigos e brincar. Concluímos que a imagem da criança está relacionada, tanto para as crianças como para os idosos, à amizade, brincadeiras, felicidade e alegria.

“É se divertir com os amigos” – L, 12 anos

“É ser alegre e saber despertar para o futuro” – V – 76 anos

Em um estudo que realizamos no ano de 2000<sup>19</sup> com cinco grupos intergeracionais do Projeto, constatamos que o projeto proporciona a mudança positiva da imagem do idoso, tanto para as crianças que possuíam uma visão estereotipada em relação ao velho, quanto aos próprios idosos. A imagem passa a ser de um idoso ativo e participativo.

Na atual pesquisa alguns participantes já possuíam uma imagem positiva do velho, conforme constatamos nas respostas tanto das crianças quanto dos idosos que se referem a um idoso ativo e participativo, com muito conhecimento.

Na representação das crianças e dos idosos em relação ao idoso, constatamos que as crianças percebem o idoso como sendo ativo e participativo. Relatam que essa imagem do idoso foi construída a partir da experiência em que estão vivendo no projeto. Os idosos quando perguntados sobre a pessoa idosa, também fizeram uma representação do idoso enquanto uma pessoa ativa e participativa e, nesse caso, relacionaram à sua velhice ou a velhice que desejam. Destacamos que os idosos pesquisados são independentes e autônomos.

---

<sup>19</sup> Memória de Investigação para obtenção do título de Máster em Gerontología pela Universidad Autónoma de Madrid, realizado no ano 2000.

Depoimentos:

“Idoso é uma criatura que já viveu muito e tem muito conhecimento e experiência” – A, 70 anos, feminino.

“É ter muito conhecimento” – R, 10 anos, masculino.

Segundo Both (2000, p. 38) a criança é estimulada através do processo de ensino a organizar seus interesses, pensamentos e conceitos de acordo com a linguagem socializada, do seu universo circundante. Esse processo de transformação de conceitos é mais estimulado com as crianças do que com o velho. “*O velho, ao contrário, é forçado a perder o interesse porque se lhe retiram os objetos, a ação e a palavra, empobrecendo-lhe as mediações sociais pela retirada das instituições e porque essas já não oferecem estimulantes objetivos em torno dos quais se formam o pensamento, a linguagem e os sentimentos*” (BOTH, 2000, p. 38).

A sociedade atual tende a excluir os idosos, que acabam segregados e se fecham para o contato com outras gerações, contribuindo para o seu isolamento social e para o esvaziamento de relações intergeracionais. Ao estimular atividades intergeracionais cuja relação com o idoso é positiva, as crianças transformam seus conceitos em relação ao velho e à velhice, promovendo a inclusão do idoso na família e na comunidade.

Quando perguntamos para as crianças sobre o contato intergeracional entre avós e netos na família, as respostas mostram que duas crianças não têm contato com eles, uma porque os avós são falecidos e a outra porque moram longe e se encontram somente nas férias do Natal.

Já para os idosos que não possuem contato com seus netos, apenas uma idosa encontra seu filho somente na época do Natal porque ele mora em outro Estado, os outros são pessoas que não tiveram filhos, sendo eles, um idoso (B, 63 anos) e uma idosa (A, 70 anos). No entanto, ambos atuam em diversos grupos na comunidade, com crianças. Ele desenvolve atividades junto a crianças da periferia e ela ensina música para crianças da igreja.

Os dados acima apontam a importância em trabalhar a família em relação ao convívio intergeracional, porque a família é o primeiro espaço de convivência intergeracional entre avós e netos e as famílias têm envelhecido e aumentado a proporção de idosos residindo e convivendo com outras gerações.

Segundo Camarano (2004, p. 137) *“a família é vista como fonte de apoio informal mais direta para a população idosa (...) isso tem se verificado tanto pela co-residência como pela transferência de bens e recursos financeiros”*.

Ressaltamos que o idoso de baixa renda tem múltiplos papéis na família, eles necessitam da família para seu cuidado e as famílias cada vez mais tem necessitado deles na complementação da renda familiar, principalmente as que recebem benefícios sociais que complementam ou, muitas vezes, é a única renda familiar. É muito comum o idoso ter o papel de cuidador secundário dos netos, principalmente nos casos em que os filhos trabalham, ou que as filhas são mães solteiras e muitas vezes ainda adolescentes. Outras causas como divórcio, droga, maltrato, negligência, violência doméstica tem levado o idoso a desenvolver o papel de cuidador principal de seus netos e bisnetos.

Ao retratar o convívio intergeracional percebemos nas respostas que a relação intergeracional permite o diálogo e o melhor relacionamento, aproximando as gerações envolvidas. Segundo Paulo Oliveira (1999) o convívio intergeracional *“permite o convívio mais verdadeiro entre as gerações, onde o idoso e a criança ao interagir na leitura do texto de literatura infantil constroem um saber novo a partir de suas vivências e habilidades”*. Esse convívio pode ser conflituoso, como também, pode ser cooperativo e criar laços de amizade e solidariedade entre as pessoas.

Conforme sinaliza Both (1999, p. 49):

O diálogo das gerações vem contribuir para garantia da emancipação das pessoas; ele não se alicerça em comunidades esvaziadas de sua própria condição cultural, mas ao contrário, sustenta-se nela e propicia visibilidade existencial às gerações mais jovens.

A história dos idosos pode criar outras verdades e outros merecimentos a partir do diálogo. No entanto, precisamos ter uma visão emancipatória das narrativas

dos idosos para não ficarmos em uma linguagem contemplativa, mas sim obtermos uma visão crítica e criativa para através do diálogo criar outras verdades e a solidariedade entre as gerações.

A seguir Arendt destaca que na convivência humana ocorre à revelação do outro através da ação e do discurso.

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz (ARENDR, 1989, p. 192).

Acreditamos que o fundamental do convívio intergeracional é perceber que a transmissão dos saberes não é linear, ambas as gerações possuem sabedorias que podem ser desconhecidas para a outra geração, e a troca de saberes através da co-educação reforçará os laços entre as gerações.

Segundo Paulo Oliveira (1999, p. 26):

um convívio de gerações não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedorias dos velhos para as crianças. Estas, mesmo que nem sequer o saibam, também podem transmitir muito às gerações mais velhas.

Como afirma Magalhães (2000, p.153), “*aproximar gerações é objetivo do trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações*”.

Segundo o sociólogo Dumazedier (1992, p.9):

As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc., porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva. Se elas não transmitirem esse tipo de saber, quem o fará? Assim, existe uma co-educação das gerações, pois, se quisermos transmitir saberes, seja num sentido, seja no outro, muitas vezes teremos de negociar as difíceis fronteiras entre os saberes de ontem e de hoje, entre as habilidades de ontem e as de hoje.



O senso comum refere-se às relações entre as gerações, ou relações intergeracionais, ou ainda interetárias, como o repasse do conhecimento dos mais velhos para os mais novos, reproduzindo as relações sociais do início do século e ainda existente em algumas sociedades, que consideram o idoso o dono do saber, perpetuador do conhecimento que muitas vezes é transmitido através de ordens e ausência de diálogo.

Quando os pesquisados foram perguntados sobre o que acham do convívio no grupo, temos alguns exemplos que confirmam sobre o objetivo do trabalho em aproximar as gerações:

“Bom, porque temos um convívio mais próximo e diferente com as crianças”.L, 67 anos, feminino.

“Bom, agora conheço eles e aprendo muitas coisas”. M, 10 anos, feminino.

Percebe-se a possibilidade da existência da troca mútua dos saberes, tornando assim a relação intergeracional uma via de mão dupla, e não uma relação em que o mais velho repassa seus saberes para os mais novos.

Osório (2002, p. 90) ressalta que:

Nas lembranças que os avós têm de seus próprios pais e avós, os netos poderão encontrar o fio condutor que os conecte ao sentido que transcende a transitoriedade de suas vidas e, ouvindo os seus netos, os avós adquirem a consciência de que há algo mais além da finitude de sua passagem pela terra.

Barros (1987) afirma que para os idosos, essa lembrança das próprias experiências com seus pais e filhos pode ser importante na revisão e aceitação da própria vida e na relação com seus netos.

Na co-educação entre as gerações, crianças e idosos desenvolvem uma relação saudável de troca de experiências e, principalmente, a partir dessa compreensão, buscam desenvolver práticas destinadas a resgatar a cidadania e valorizar o indivíduo enquanto cidadão.

Both (2000, p. 8) ainda ressalta que “*o velho é forçado a perder o interesse porque se retiram os objetos, a ação e a palavra, empobrecendo-lhe as relações sociais*”.

Arendt (1989, p. 189) afirma que “*é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original*”.

Sendo assim, ao se retirar à possibilidade de ação e discurso do idoso, inicia-se o processo de isolamento que segundo Arendt destrói a capacidade política, a faculdade de agir e desagregam a vida privada e as relações sociais. Ainda em Arendt (1989, p. 190) *a ação significa tomar iniciativa, começar algo novo por nossa própria iniciativa*. Na medida em que a ação está ligada ao novo, através da natalidade, cria condições para a inclusão social do idoso, ou seja, o discurso proporciona o resgata do passado e o início do diálogo na construção de uma história.

Por fim, não podemos deixar de registrar sobre a importância da leitura, que apareceu nas respostas de ambas às gerações. A leitura é um direito básico e fundamental, formar novos leitores é um dos desafios do Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”.

Segundo Machado (2001) a criança aprende com o exemplo, por isso, ao incentivar a leitura no grupo, estamos iniciando o processo de formação de um novo leitor. Além do exemplo, Machado também descreve que a curiosidade é outro motivo para fazer alguém ler. E pensando nisso, a sistemática do projeto incentiva que após realizar a leitura do livro de literatura infantil, faz-se um debate onde os componentes do grupo relatam sobre sua vivência e experiência, para então, ao final desenvolverem uma atividade relacionada com o que foi lido. Os resultados da pesquisa apontam que essa sistemática têm estimulado a leitura no grupo, principalmente entre as crianças.

*Adoro ler - aprendi a ler e escrever o ano passado* (J, 8 anos, masculino).

Sendo a leitura o disparador de todo o processo de convívio entre as gerações envolvidas, é necessário destacar a sua importância na transmissão do saber. No

entanto, a transmissão do saber não é apenas adquirir conhecimento, mas exige um processo de confrontar diversos argumentos e conceitos para chegar a uma conclusão. E Machado complementa dizendo que:

A transmissão de saber é um processo complexo, elaborado a partir de um mergulho em experiências alheias e convívio com o outro, mecanismos próprios da linguagem narrativa, da linguagem poética e da linguagem expositiva, e até da retórica. Um processo construído com a leitura de romances e contos, de poemas, de ensaios, com a literatura e com textos capazes de emocionar, de discutir valores e levar a opções morais (MACHADO, 2001, p. 135).

Ler e fazer amigos também foram respostas significativas.

A leitura é um dos objetivos do projeto que vem sendo alcançado. Com a leitura os integrantes do grupo adquirem novos saberes, e através dela são discutidos valores e trocadas experiências; sem a leitura os indivíduos vivem excluídos do mundo, sendo o analfabetismo um importante fator de exclusão social.

A amizade é uma consequência da relação intergeracional e tem o objetivo de evitar o isolamento e a exclusão.

Etimologicamente a palavra amizade vem do latim *amicitate*. Amizade é um substantivo feminino que significa<sup>20</sup>:

1. Sentimento de grande afeição, de simpatia (por alguém não necessariamente unido por parentesco ou relacionamento sexual 1.1. Grande apreço, solidariedade ou perfeito entendimento entre entidades, grupos, instituições etc. 2. Reciprocidade de afeto. 3. Aquele que é amigo, companheiro, camarada. 4. Relacionamento social (HOUAISS, 2001).

A amizade como sentimento está intimamente ligada à auto-estima, e podemos considerá-la como um sentimento que ocorre no relacionamento intergeracional. No entanto predomina na literatura gerontológica a visão de que a amizade ocorre entre gerações iguais, havendo restrições quanto a amizade entre diferentes gerações. Para exemplificar citaremos Beauvoir (1990, p. 577-578): *eles*

---

<sup>20</sup> Definição do dicionário Houaiss (2001).

*têm prazer em estar juntos, na medida em que têm lembranças e uma mentalidade comum.*

Sobre os resultados acerca do papel do livro no convívio intergeracional, perguntou-se se o livro ajudou no convívio do grupo. A totalidade dos entrevistados, tanto as crianças quanto os idosos avaliaram que o livro ajudou no convívio intergeracional e ajudou a melhorar o diálogo entre eles, aproximando as gerações. Também ajudou a entender e aprender mais sobre os idosos e sobre as crianças, bem como aumentou a amizade e a solidariedade entre o grupo. Prevaleceu entre as respostas da pesquisa o diálogo, a aproximação das gerações, a solidariedade e a amizade.

Em relação a literatura infantil no desenvolvimento do projeto ela têm o objetivo de orientar as ações e decisões através da leitura e narração das histórias, servindo como exemplo e transmitindo conhecimento. Conforme aponta Machado:

As histórias trazem força nos momentos difíceis, alegria nas horas de celebração, consolidam a sensação de não ser um indivíduo solto no espaço e no tempo, alguém indefeso e sozinho no mundo, mas pelo contrário, afirmam a pertinência social, a certeza de se fazer parte de um grupo, de estar em companhia de gente que faz coisas e vale alguma coisa (MACHADO, 2001, p. 131).

Alguns depoimentos descreveram que os integrantes do grupo intergeracional perceberam a importância da literatura no convívio entre eles, a história do livro foi que impulsionou essa relação e possibilitou o conhecimento uns dos outros.

*Ler o livro ajudou no convívio entre nós e as crianças, passam a nos conhecer melhor* (N, 81 anos, mulher).

*Sim, porque conheci um monte de coisas deles* (V, 10 anos, masculino).

*Foi legal a conversa com elas* (E, 11 anos, feminino).

*Foi muito bom porque uns ensinavam aos outros, independente da idade* (E, 81 anos, masculino).

*Sim, adoro ouvir as histórias* (M, 10 anos, feminino).

Ao contar uma história percebe-se como existem pessoas diferentes e o quanto é importante a experiência de vida de cada pessoa, e o papel da literatura em trazer temas do cotidiano ou fantasias que levam a sentimentos de alegria, de solidariedade, revolta, trazendo a tona os valores de cada um.

Quando o foco da literatura infantil está na velhice e em temas específicos que levam à aproximação das gerações, surge da convivência no próprio grupo o diálogo que leva a aproximação entre eles.

Lajolo (1993, p. 51) reforça essa visão quando ressalta que “... o texto realiza o milagre de aproximar o inaproximável”.

A aproximação das gerações é um dos objetivos do Projeto, que utiliza livros de literatura infantil com histórias que incentivam a aproximação das gerações através, muitas vezes, do resgate da memória de cada leitor e do diálogo que se estabelece no momento da leitura, interpretação e execução de atividades, em que se permite a troca de vivências entre as gerações.

As respostas da pesquisa afirmam que o contato intergeracional através da leitura do livro contribuiu para “*aproximar as gerações*”, ou seja, melhorou as relações interpessoais, porque possibilitou a “*maior compreensão sobre a velhice*”, bem como proporcionou a vivência de diversos modos de pensar, de agir e de sentir e, assim, de poder renovar “*as nossas opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas*”. As atividades intergeracionais permitiram que o idoso e a criança, ao interagir, construíssem um saber novo a partir de suas vivência e habilidades.

A narração histórica do livro de literatura infantil feita pelos integrantes do grupo é dada por núcleos temáticos e concede a chance do diálogo intergeracional, a partir das vivências de cada geração envolvida, constituindo a identidade grupal e a solidariedade entre as gerações.

O diálogo intergeracional não é, portanto, um ato de compaixão para com os mais velhos, mas um elo anunciador da solidariedade entre as gerações. A solidariedade no grupo intergeracional é exercida no convívio com o outro e no reconhecimento da pluralidade.

Através da leitura e da realização das atividades as gerações envolvidas resgatam as potencialidades inibidas ou latentes, a auto-estima e a criação de novos elos com a vida e a comunidade. O convívio entre as crianças e os idosos os leva a incorporar novas formas de percepção e ação, que podem trazer mudanças significativas ao seu estilo de ser e viver, para um maior sentido à existência, ao mesmo tempo em que resgatam e atualizam a memória afetiva e seus intercâmbios sócio-culturais.

Segundo alguns depoimentos, a amizade possibilitou a solidariedade: *a solidariedade se dá pelo diálogo, pela ajuda mútua, e o respeito ao outro.* (B, 75 anos, masculino).

*Ajudar a respeitar os idosos* foi uma fala presente em diversas crianças, reforçando a compreensão de que a solidariedade é entendida como ajuda.

Entende-se a lógica da solidariedade

como um discurso coerente que não se confunde com ‘caridade’ e ‘filantropia’, traduzindo uma nova maneira de pensar a sociedade e uma política concreta, não somente de um sistema de proteção social, mas também como “um fio condutor indispensável à construção e à conceitualização das políticas sociais (FARIAS, 2006, p. 2).

Os resultados do trabalho e a participação foram abordados através da pergunta: Vocês conversam com outras pessoas sobre o projeto?

Apenas duas crianças responderam não, os demais - crianças e idosos conversam sobre o Projeto.

A partir dessa realidade percebe-se que as atividades intergeracionais podem ser o meio de sensibilizar as famílias e a comunidade para as questões relativas à velhice e o processo de envelhecimento a partir da infância. Entendemos que a velhice é determinada socialmente, não apenas em relação às condições econômicas, mas também no plano simbólico, na percepção coletiva sobre o envelhecimento. Sendo assim, as atividades intergeracionais atingem o objetivo de aproximar as gerações, oportunizar o diálogo e incluir o idoso socialmente.

Por fim, os resultados que definem a experiência intergeracional foram obtidos perguntando sobre qual palavra define sua experiência no grupo.

Predominou entre as crianças a amizade, o respeito e a aprendizagem e entre os idosos o diálogo, a amizade e a solidariedade.

A amizade pode ser entendida como sentimento ou com uma conotação política que leva a participação, a ação e transformação, sendo entendida como solidariedade.

Magalhães (2000, p. 155):

A ética da solidariedade e da justiça social exige métodos e técnicas e está aberta e disponível para o afeto e o amor. A ética intergeracional e solidária é um instrumento de uma sociedade unida pelas gerações, gerando uma forma de reivindicação da cidadania através do fortalecimento da integração. É uma ética que proporciona a reunião das idades para a unidade na cidade. E no campo também.

Enfim, a solidariedade no grupo intergeracional é exercida no convívio com o outro e no reconhecimento da pluralidade, resultando em novos papéis e na transformação e criação de novas imagens sobre a velhice.